



C A P Í T U L O 10

FOLHETINS

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco

(UERJ)

pacheco.gabrielle@uerj.br

O QUE SÃO FOLHETINS?

Inicialmente nomeados como romances-folhetins, os folhetins correspondem a um gênero literário que durante um bom tempo recheou as páginas dos periódicos, principalmente nos séculos XIX e nos primeiros anos do século XX. Localizados no rodapé das páginas dos mais famosos jornais do século passado, no Brasil tornaram-se bastante populares, funcionando como uma espécie de texto-piloto¹ para futuras publicações em formato de livro. Palavra de origem francesa, denominava-se *le feuilleton*, que nada mais é do que o diminutivo da palavra *feuille*, traduzida como “pequena folha”, ou, no caso dos jornais, o rodapé das páginas.

ORIGENS

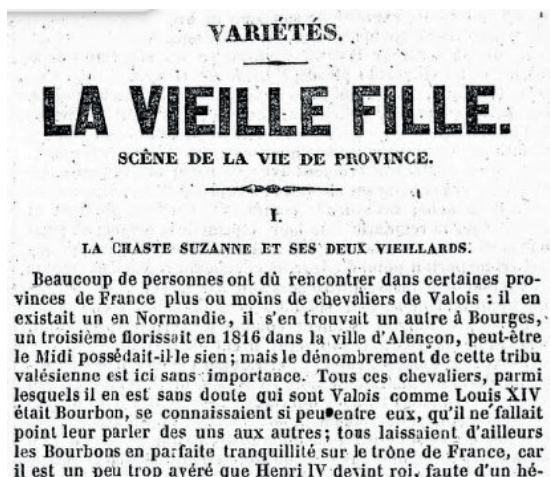
Não por acaso os primeiros escritos denominados folhetins foram pequenos textos anexados aos jornais franceses, ainda no final do século XVIII, em um momento² de grande efervescência política naquele país. É nas páginas do jornal francês *La presse* (1836-1850), que tinha como redator Émile de Girardin, que os *romans-feuilletons* começam a circular, ainda em seu primeiro ano de circulação. Sob o comando de Girardin, *La presse* tornou-se frequente por ter sido o primeiro no rol dos jornais circulantes à época a ter seu preço reduzido pela metade. Tal fato colaborou de maneira bastante significativa para a popularização do gênero e para o aumento do número de leitores franceses.

¹ Um texto-piloto pode ser definido como um texto inicial, levado ao público-alvo para apreciação antes de ser publicado em definitivo.

² Em referência à Revolução Francesa (1789) e os movimentos de ruptura em diversas frentes sociais e políticas. (Gonçalves, 2010)

Em acordo com a consulta ao acervo digital da Biblioteca Nacional Francesa, a primeira dessas publicações é *La Vieille Fille* de Balzac³, publicado na seção “Variedades⁴” de 23 de outubro a 4 de novembro de 1836.

Figura 1 – recorte da página 3 de *La presse*, edição 103.



Fonte: Biblioteca Nacional Francesa (BnF) - Gallica

Mendes (2016, p. 224) comenta que o sucesso dos romances se deve também à melhoria nas condições de difusão dos livros e dos periódicos:

A melhoria na logística da distribuição – expressiva nos transportes (trens e vapores) –, nas transações bancárias, nos correios e nos processos de impressão e de fabricação de papel motivava o comércio com outras regiões e países. (...) A imprensa tem papel fundamental na expansão do número de leitores europeus e sua incorporação às práticas de leitura, na medida em que oferece os romances a um custo mais acessível, publicando-os nas revistas e depois nos rodapés de jornais.

No Brasil, o gênero não demora a aparecer. Ainda na década de 1830 é possível encontrarmos traduções desses romances nos rodapés de jornais populares, como o *Jornal do Commercio*, o primeiro a publicar folhetins. Trata-se do romance *O Capitão Paulo* (*Le Capitaine Paul*), de Alexandre Dumas, escritor francês de obras famosas como *Os três mosqueteiros* e *O conde de Monte Cristo*. *O Capitão Paulo* foi publicado entre outubro e novembro de 1838. Para Mendes (2016, p.229), a obra “marcou a entrada dos leitores brasileiros no circuito do romance-folhetim ao mesmo tempo em que se deu a dos leitores franceses.”

³ Honoré de Balzac foi um escritor francês de grande prestígio na literatura, destacando-se pela publicação de mais de 90 romances, compilados em *A Comédia Humana*. (Fonte: FFLCH-USP)

⁴ Convém ressaltar que na seção “*feuilleton*”, que eventualmente tornava-se a localização dos textos folhetinescos, há a publicação de um texto do Ministro do Interior da França. (Fonte: BnF- Gallica)

Dada a baixa comercialização de livros no Brasil no começo do século XIX, o romance – hoje parte do cânone literário brasileiro – teria sua porta de entrada como gênero por meio das publicações folhetinescas, que atraíram não somente novos leitores, mas também escritores que não vislumbravam opções outras para publicação de suas obras.

Os primeiros folhetins que aqui circularam foram traduções diretas das obras de escritores franceses famosos, textos assinados pelo jornalista Justiniano José da Rocha. De acordo com os dados encontrados na Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o jornalista assinou sete traduções folhetinescas publicadas entre 1839 e 1858. Dentre os autores traduzidos, destacam-se Charles Bernard, Fanny Lewald e Alexandre Dumas.

Apesar de encontrarmos excertos de romances publicados de forma parcelada em alguns jornais nas décadas de 1820 ou no começo da década de 1830, convém ressaltar que o gênero folhetim só seria assim concebido no país em 1839 (Tinhorão, 1994; Serra, 1997), com a publicação de *Os assassinos misteriosos, ou a paixão dos diamantes*, de Justiniano José da Rocha, no *Jornal do Commercio* entre 27 e 30 de março.

Seguiram, na segunda metade do século XIX, Joaquim Manoel de Macedo, com 4 folhetins publicados; Manuel Antônio de Almeida, e seu *Memórias de um sargento de milícias* (1852), José de Alencar, com 8 folhetins, incluindo *O Guarani* (1857); Machado de Assis, com 5 publicações, a exemplo do célebre *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880); Raul Pompéia, com *O ateneu* (1888). Dentre as mulheres, recebe destaque a escritora carioca Júlia Lopes de Almeida, com 4 folhetins publicados entre 1888 e 1898.

Já na primeira metade do século XX, observam-se os romances folhetinescos de Lima Barreto, que assinou 5 publicações; e Júlia Lopes, com 9. Na segunda metade, é Nelson Rodrigues quem mais assina os folhetins, somando 8 obras. Rachel de Queiroz e Dinah Silveira de Queiroz, ambas eleitas para a ABL, também têm seus romances publicados nas páginas dos periódicos. Em 1980, *Nenê Bonet*, de Janete Clair, escritora já consolidada no âmbito da telenovela à época, é publicado pela revista *Manchete*.

Para além da revista *Manchete* (1952-2007), um número expressivo de folhetins foi publicado na revista *O Cruzeiro* (1928-1985), no jornal *A Noite* (1911-1957), no popular *O Paiz* (1894-1934), no *Jornal do Commercio* (1827-) e em *O Estado de São Paulo* (1875-).

DO QUE OS FOLHETINS SÃO CONSTITUÍDOS

O grande sucesso dos melodramas franceses explicaria as iniciativas de Girardin com os folhetins. O melodrama, observado nos teatros parisienses a partir do final do século XVIII, converteu-se em técnica popular no romance brasileiro. Ludwig (2015) indica que características tais como o texto, a encenação, a musicalidade, a busca por finalidade moral e a presença de personagens tipificadas foram elementos marcados também nos melodramas brasileiros, presentes tanto no teatro quanto nas páginas dos periódicos. Como bem salienta Santos (2012, não paginado):

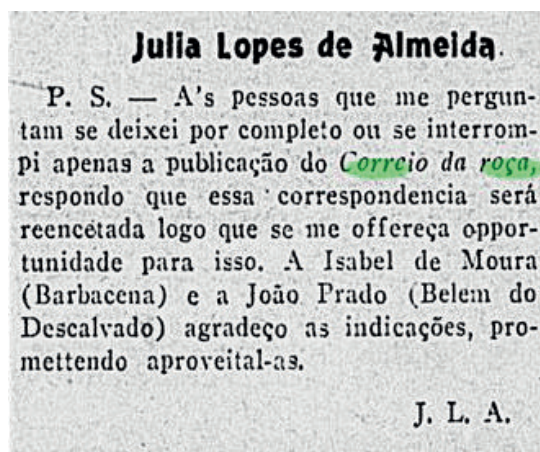
a técnica do teatro popular da época teria influenciado a fórmula do romance folhetim, com seus elementos característicos, como amores contrariados, duelos, raptos e tempestades, além de enredos em torno de três personagens típicos – vítima, herói e vilão.

(...)

O romance-folhetim era construído no dia-a-dia, por vezes com interferência dos leitores por meio de cartas e saía nos jornais com intervalos irregulares de um folheto para o outro. Além da produção seriada, também se caracterizava por cortes, no momento de mais tensão, suspenses e redundâncias. Mecanismos para estender a leitura do romance e reativar as memórias dos leitores diante de intervalos imprevisíveis.

Essa “interferência” do leitor era bem quista. Muitos periódicos dedicavam suas páginas às seções exclusivas para esse contato direto com os consumidores de seu conteúdo. Muitas vezes eram as cartas dos leitores que propulsionavam a continuação de determinada narrativa, ou o rompimento de outra:

Figura 2 – recorte da página 1 de *O Paiz*, edição 9341



Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional

A figura, que apresenta uma observação destinada aos leitores de *Correio da Roça*, publicado de 1909 a 1911 no jornal *O Paiz*, evidencia essa relação leitor-narrativa. Nela, é a própria autora do folhetim, a escritora Júlia Lopes de Almeida, quem comenta as indicações dos leitores. Mas não eram só os leitores “comuns” que comentavam os folhetins. Também o faziam intelectuais, políticos e redatores de outros periódicos, a exemplo do comentário do Conde Amadeu A. Barbiellini, diretor da revista *Chácaras e Quintaes*:

“Prezada senhora - E’ desnecessario dizer-lhe que sou um dos mais fieis leitores do seu *Correio da Roça*. Ando tao atrapalhado e com tamanha falta de tempo que quasi me parece nao ter a oportunidade de respirar; apesar disto não deixei nunca, nem deixarei de ler a sua brilhante e sympathica prosa dos *Correios*, que estao fazendo tanto bem ao desenvolvimento da lavoura e a propaganda do gosto para a terra, para as culturas, etc., como o melhor de todos os esforços de um ministerio de agricultura.” (*O Paiz*, edição 9407, p. 3)⁵.

É bem verdade que a intelectualidade brasileira do começo do século passado foi regida pela relação praticamente indissociável entre o jornalismo e a literatura. Isto é, para ser considerado um intelectual representante da República das Letras⁶, era necessária a colaboração com os periódicos da época. Como reforçam Martins e De Luca (2018, p. 94): “Escrever na imprensa tornou-se não apenas uma fonte de renda, mas também instrumento de legitimação, distinção e até mesmo de poder político”.

Nelson Werneck Sodré, em *História da Imprensa no Brasil*, (1999, p.292) ressalta que “os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não conseguiam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; e um pouco de dinheiro, se possível.” Contudo, convém destacar que os jornais pagavam pouco. *Jornal do Commercio*, *Correio da manhã* e *O Paiz* eram alguns que melhor pagavam seus colaboradores, desembolsando de 30 a 70 contos de réis (Broca, 1975; Sodré, 1999; Miceli, 2015). Tal condição contribuiria ainda mais para o crescente número de intelectuais a assinarem os folhetins, já que:

o escritor desse gênero ganhava por linha escrita, o que o levou a tornar a estória a mais longa possível. O rendimento numérico transformou-se num lugar-comum na escrita do romance-folhetim e, como consequência, os escritos dessa natureza apresentavam-se tão “inchados” que no instante da sua transposição para os livros resultaram em coleções de quatro, seis, oito e até doze volumes com páginas quase intermináveis. (Nadaf, 2009, p. 121).

Moreira (2015, p. 17) acrescenta que “entre os papéis assumidos pelo jornalista estava o de educador, pois uma das missões do jornal era a de suprir a falta de escolas e de livros”. Mesmo que estejamos falando de um Brasil que apresentava uma taxa de analfabetismo superior aos 70% no começo do século passado, os periódicos eram fonte de instrução não apenas para os leitores em si, mas para os ouvintes – os jornais eram lidos, as notícias comentadas, os folhetins acompanhados pela maioria de uma população analfabeta.

⁵ Neste texto opta-se por manter as transcrições como no original, respeitada a ortografia da época da publicação.

⁶ Denomina-se o grupo de intelectuais que, legitimados pela criação da ABL em 1897, constituíam o seletivo grupo de escritores que descreviam a vida literária do Brasil à época.

As narrativas que constituíam os romances folhetins obedeciam à fórmula base para a produção do romance: enredos em torno de um trio de personagens típicos - a vítima, o vilão e o herói ou vingador; a trama que se desenrola com a ação do herói que salva a vítima e aniquila o vilão; além do clássico antagonismo herói x vilão.

É do romance de folhetim que se originam as principais características da técnica do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar das histórias (inclusive dirigindo-se aos leitores em tom de conversa); a extrema complicação dos enredos, num desdobramento linear de quadros sem preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense; e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com ações atuais (chegou a ser lugar-comum nas histórias românticas ou casos de amor impossível, por descobrirem os amantes – sempre no último capítulo – que eram irmãos. (Tinhorão, 1994, p. 28).

E a quem se destinavam essas histórias? Tinhorão (1994) indica que os escritores tinham a figura de uma mulher - a dona de casa ou a moça de família – como o leitor potencial de seus romances folhetinescos. Desta forma, as mulheres guardam uma relação especial com os romances-folhetins, não apenas por serem esse público visado, mas também por serem amplamente representadas em personagens tipificadas – a exemplo das mocinhas indefesas, das jovens ingênuas ou das sábias senhoras. Contudo, quando comparadas aos homens, poucas foram as obras folhetinescas assinadas por mulheres na imprensa brasileira.

Ainda no século XIX, a literatura escrita por mulheres já era pauta. A revista *A Nova Minerva* (RJ) - revista dedicada às ciências, artes, litteratura e costumes publica, em março de 1847, um texto intitulado “As litteratas e as folhetinistas”, que comenta o compromisso da literatura escrita por mulheres naquele momento:

A litterata de outr’ora pouco se importava de martyrisar o seu entendimento com as deduções philosophicas: era mulher que se distinguia por sua vã erudição e a sua pedante galanteria (...) Hoje pelas idéas que, como as modas, nos chegam illuminadas pelos artistas de Paris, a litterata contemporânea conserva o presunçoso orgulho das preciosas ridículas de Molière (...) He pois a litterata, ou folhetinista dos nossos dias, alegre, viva, parleira, provocativa e oportuna. Tantos atractivos tem huma moça quando reúne a discrição á belleza! Ha huma interessante timidez maliciosa e huma resolução combatida nas suas maneiras; luta entre a idade e a reflexão ! (...) Esta rapariga, alegre, desembaraçada, torna-se em poucos dias calculadora e reflexiva com a contradicção d’huma mulher de gênio, e a previsão d’huma mulher de talento. (A Nova Minerva, edição 13, p.3-4).

Apesar do reconhecimento de seu talento, como exposto no trecho, a quantidade de folhetins assinados por mulheres representa apenas 10% de textos desse gênero publicados entre as décadas de 1830 e 1980. Desse percentual, destacam-se Júlia Lopes de Almeida, com 13 folhetins; ambas Maria Benedita Camara Borman e Lazinha Luís Carlos de Caldas Brito, com 4; e Emi Bulhões Carvalho da Fonseca, com 2. Número bastante inexpressivo quando comparado às centenas de folhetins assinados por escritores homens que, não por acaso, foram canonizados.

Seja por estratégia editorial ou pela decadência do gênero (Broca, 1975), os folhetins foram pouco a pouco perdendo espaço nos jornais ao longo da primeira república e foram substituídos por outros gêneros considerados “mais humanos” tais como a crônica, a entrevista ou a reportagem, muito embora a década de 1950 ainda tenha apresentado um expressivo número de publicações, especialmente as assinadas por mulheres.

Seguiram os folhetins, ainda que consideradas subgêneros da literatura ou mesmo meros produtos da cultura de massa, as fotonovelas, populares especialmente na década de 1970, que ocuparam as páginas das revistas a partir da década de 1940:

As fotonovelas surgiram na década de 1940, na Itália pós-Guerra, em revistas que publicavam adaptações de filmes para os quadrinhos. O sucesso da fotonovela foi, de fato, proporcionado pela popularização do cinema nesta época. Aqui por estas bandas, entre 1949 e 1980, cerca de trinta títulos de revistas de fotonovelas foram publicados. Destes, os maiores foram Grande Hotel, Sétimo Céu e Capricho – a mais vendida, com tiragens aproximadas de 400 mil exemplares por edição. Muitas dessas revistas nada mais que republicavam fotonovelas produzidas na Itália para o público nacional, mas, seguindo o exemplo de Sétimo Céu, da Editora Bloch, algumas se arriscaram a produzir suas próprias narrativas, “abrasileiradas”. (Biblioteca Nacional, 2020, não paginado)

O conceito de obra aberta, iniciado pelos folhetins, atingiu seu maior público ao ganhar espaço na TV, a partir da década de 1950. *Sua vida me pertence* é marcada como a primeira telenovela, exibida pela TV Tupi, entre dezembro de 1951 e fevereiro de 1952. Seguindo a tendência da publicação seriada, a trama era exibida ao vivo, duas vezes na semana. Apenas 11 anos mais tarde, com o lançamento de *2-5499 ocupado* da TV Excelsior, é que estes “novos folhetins” passaram a ser exibidos diariamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os folhetins, introduzidos na cultura brasileira ainda nos meados do século XIX, foram rapidamente popularizados pelo investimento de uma imprensa que almejava se consolidar. Pensados aos moldes franceses, estes textos surgiram nos rodapés das páginas dos jornais brasileiros e caíram no gosto popular, ainda que se tratasse de uma população de maioria analfabeta.

Sob o slogan alcunhado por Figueiredo Pimentel “O Rio Civiliza-se”, o Rio de Janeiro do início do século passado, então a capital federal, se apresentou como uma promessa de modernidade. Seja por sua posição geográfica, o que marcou a cidade como o 15º maior porto do mundo, seja por sua qualidade de maior centro populacional do país, criou-se o cenário ideal para a disseminação de conceitos modernos de cultura, identidade e civilidade.

Neste sentido, os folhetins logo encontraram um alvo certo: uma população inebriada no conceito de uma Paris tropical, como desejava o prefeito Pereira Passos. Os intelectuais, recém legitimados pela criação de uma Academia aos moldes franceses, viram no gênero a possibilidade de não apenas divulgarem seus textos de forma mais ampla, mas também de tornar sua escrita uma atividade rentável, ainda que discretamente.

As histórias parceladas rechearam as páginas dos jornais, tendo alguns deles publicado 2 ou 3 folhetins ao mesmo tempo. A possibilidade de escrever e ter um retorno imediato do público, a partir das cartas enviadas à redação dos periódicos, era um atrativo a mais tanto para imprensa quanto para os escritores, que poderiam modificar a trama de acordo com o gosto dos leitores.

Apesar de terem como ponto de partida os melodramas franceses, essas histórias contadas aos poucos atingiram novamente seu ápice quando foram agregadas à cultura de massa, notadamente a partir da chegada da TV na casa dos brasileiros. É comum ainda hoje encontrarmos referências às telenovelas, ou apenas novelas, como “o novo folhetim das 9”, ou “folhetim assinado por”⁷, nos anúncios dos canais de TV.

Diferentemente de seus primórdios, os folhetins atuais tratam temas diversos, apesar de oportunamente apresentarem uma trama amorosa como cerne ou pano de fundo da narrativa. Não por acaso, são as mulheres as maiores consumidoras das novelas, assim como eram dos folhetins nos jornais.

Palavras-chave: Folhetim. Literatura. Novelas.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL. Fotonovelas na Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/fotonovelas-biblioteca-nacional>. Acesso em: 23 ago.2024.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

GONÇALVES, Jussemar Weiss. A Revolução Francesa e a invenção social da pobreza. **BIBLOS**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 9–24, 2010. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/1267>. Acesso em: 11 ago. 2024.

JACOB, Bárbara Martins. **Nascimento de Honoré de Balzac**: Autor de “O Pai Goriot”, Balzac

⁷ Em referência aos chamados na TV aberta, na internet, entre outros.

é um dos mais importantes expoentes do realismo. São Paulo: Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da USP. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/51229>. Acesso em 11 ago.2024.

LUDWIG, Paula Fernanda. **O melodrama francês no Brasil**. Tese de Doutorado. Santa Maria: UFSM, 2015. Santa Maria: UFSM, 2015. Disponível em: < <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/4005/LUDWIG%2c%20PAULA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 30 jul.2025.

MENDES, Maria Lúcia Dias. Romances-folhetins sem fronteiras: o caso de Alexandre Dumas. In: ABREU, Márcia. **Romances em movimento: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p.223-53.

MARTINS, Ana Luzia; De LUCA, Tânia Regina. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Eles e Elas**: crônicas da belle époque carioca de Júlia Lopes de Almeida. 3. ed. Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

NADAF, Y. J. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras**, [S. l.], n. 39, p. 119–138, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12014>. Acesso em: 23 ago. 2024.

SANTOS, Marina Pózes Pereira. **Literatura e Imprensa no Brasil de fins do século XIX**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

SERRA, Tânia Rabelo Costa. **Antologia do romance-folhetim:(1839 a 1870)**. Brasília: Editora UNB, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Mauad, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetim no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

FONTES

A NOVA MINERVA: Periodico dedicado ás Sciencias, Artes, Litteratura e Costumes (RJ) - 1845 a 1847. Ano 2, n.13, março de 1846.

LA PRESSE (FRA) – 1836 – 1850. Ano 1, n.103, 23 de outubro de 1836. O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXII, n.9341, 3 de maio de 1910.

O PAIZ (RJ) – 1884 -1930. Ano XXII, n.407, 8 de julho de 1910.

SOBRE A AUTORA

Professora Adjunta de Língua Inglesa com graduação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre e Doutora em Educação pela mesma Universidade. Membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação (GRUPEEL-ProPEd/UERJ), do Grupo de Estudos Mulheres e Militância Política (UFF) e do Grupo de Pesquisa CNPq Estudos de literatura e cultura da Belle Époque, LABELLE (PPGLetras-UERJ). Coordenadora do Projeto de Extensão Páginas de Mulheres na Imprensa (PROMIM) e do Projeto de pesquisa “Outras Literaturas: a contribuição feminina na constituição da história da educação brasileira”.